

COMUNICAÇÕES SOBRE OS 150 ANOS DO *MANIFESTO COMUNISTA*

Em 1998, o manifesto publicado por Marx e Engels completará um século e meio, o que proporciona, desde já, condições para o debate sobre as relações entre as teses apresentadas naquele texto (e as retificações que os próprios autores lhe imprimiram ao longo da segunda metade do século passado), as lutas políticas e sociais que se inspiraram nas suas formulações e, principalmente, as perspectivas que hoje se apresentam para a transformação social.

Em muitos países, este trabalho já começou.

Na França, foi constituído um coletivo, *Espaces Marx*, que já se ramificou por quase todo o mundo e tem estimulado debates, inclusive via *internet*, como preparação para um encontro internacional que será realizado, em Paris, em maio de 1998. No Brasil, um pouco antes da impressão deste número de *Lutas Sociais*, foi realizada, em 28/4/97, uma primeira reunião de interessados em desenvolver, aqui, atividades semelhantes às de *Espaces Marx*. Como primeira contribuição para este trabalho, *Lutas Sociais* publica três pequenos textos. Dois deles foram produzidos pelos franceses: o de apresentação dos objetivos do encontro internacional e uma contribuição para o debate, escrita por Georges Labica, ambos obtidos de *Espaces Marx*, via Internet (ver endereço a seguir). O terceiro é resultado da primeira reunião dos interessados em participar das atividades do *Espaço Marx* brasileiro.

1. *O Manifesto Comunista, 150 anos depois**

O *Manifesto Comunista* marcou profundamente o mundo contemporâneo. Seu impacto, sua ressonância universal, suas implicações políticas e culturais fazem dele um texto fundador, constitutivo, por sua audácia intelectual e sua ambição emancipadora, de um movimento histórico de longo alcance. Os iniciadores do encontro internacional a ser organizado em maio de 1998, na ocasião de seus cento e cinquenta anos, convidam, sem exclusivismo todos aqueles que desejam ligar, dentro de uma perspectiva de emancipação humana, a abordagem crítica da experiência histórica e a reflexão sobre as perspectivas alternativas possíveis. Este tipo de relação entre a contribuição de conhecimento crítico e de elaboração prospectiva está no coração do próprio

* Tradução de
Renata
Gonçalves,
mestranda de
Ciências
Sociais na
PUC-SP.

Manifesto. Cento e cinquenta anos depois, seu aniversário incita a promover uma dinâmica de trabalho e de intercâmbio estimulada pela colocação em relação original da pesquisa, do movimento social e da política, dentro do respeito às contribuições e às finalidades de cada um. Por sua diversidade, as personalidades que apadrinham o encontro expressam sua ambição: contribuir para a investigação retrospectiva da idéia revolucionária, do socialismo e do comunismo; confrontar esta idéia com suas realizações, suas contribuições, suas tragédias e suas derrotas; apreciar, aos olhos dos desafios deste fim de século, o devir de um projeto emancipador, de um comunismo liberador de humanidade; perguntar-se qual emancipação humana?

Várias iniciativas para 1997 na França e em diferentes países, em diferentes contextos e com diversas finalidades, poderão, de maneira útil, alimentar os intercâmbios e as confrontações engajadas.

Seus organizadores irão mantê-los informados.

Desde já, o trabalho preparatório se engaja, sem esperar a estrutura definitiva do encontro.

Observações, sugestões, propostas poderão ser enviadas ao seguinte endereço:

Rencontre Internationale
Le Manifeste Comuniste, 150 ans après,
Espaces Marx, 64 boulevard Auguste Blanqui,
75013 Paris
Tel: 00331 42 17 45 10

2. Os 150 anos do *Manifesto Comunista*

Explorar, confrontar, inovar.

Há cerca de 150 anos, um fantasma rondava a Europa. Alguns revolucionários, em devaneios políticos, o captaram e atribuíram a um jovem, de quase 30 anos, mas com acurada visão crítica, o difícil encargo de exprimi-lo. E aconteceu, então, por uma destas coincidências fortuitas, que o fantasma tomou vida, simultaneamente em forma de texto — o *Manifesto Comunista* — e em forma de movimento histórico: as revoluções de 1848, a Primavera dos Povos.

Desde então, houve outras — e muitas — primaveras, sempre incompletas, com promessas de mudanças não confirmadas: a Associação Internacional dos trabalhadores, a Comuna de Paris, a Internacional Socialista, as revoluções deste nosso curto século na Rússia, na Espanha, na China, no Vietnã, em Cuba. E mais as propostas do socialismo democrático na Europa Ocidental e Central, no Chile. E as lutas de libertação nacional na Ásia e na África. Programas inconclusos, projetos apenas esboçados, logo derrotados, gerando recuos, desilusões, desistências.

E assim, ao menos por enquanto, nossas circunstâncias, neste final de século, são as de um tempo de capitalismo triunfante, com pretensões de modelo e pensamento únicos, a arrogância típica dos sistemas que se imaginam termo final da aventura humana.

Mas eis que nem tudo é desengano e desencanto. Ainda há vozes dissonantes, resistências.

E um grupo de militantes, políticos e intelectuais cria em Paris uma associação: *Espaços Marx*. E convida a todos, em qualquer parte do mundo, onde haja ainda uma sugestão de pensamento crítico, um resto de vontade e um tanto de esperança, a participar de um grande encontro internacional para refletir sobre a aventura iniciada há 150 anos pelo *Manifesto Comunista*.

Respeitadas as diferenças, a contribuição de cada um, num encontro plural e comprometido com a formulação de um outro modo de vida. Pensar a crítica, a mudança, a alternativa.

A este projeto nos associamos. E convidamos você a participar conosco.

Nosso calendário: o encontro internacional que terá lugar em Paris, entre 13 e 16 de maio de 1998. Um encontro nacional, em princípio previsto para a segunda quinzena de abril do ano que vem, e que deverá ser precedido de toda uma série de encontros locais e/ou regionais. E uma reunião no próximo dia 14 de junho de 1997, às 10 horas, no Departamento de História da Universidade de São Paulo, para formar comissões de trabalho que preparará um cronograma de eventos no país.

Se existe ainda uma brasa de inconformismo em você, não hesite em soprá-la.

Participantes da reunião: Marcelo Badaró, Marcelo Ridenti, Pedro Roberto Ferreira, José Mário Angeli, Paulo de Tarso Venceslau, Paulo Barsotti, Daniel Aarão Reis, Vito Giannotti, Nadine Habert, Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, Osvaldo Coggiola, Carlos Bauer.

Endereços para contato:

- Professor Osvaldo Coggiola, Universidade de São Paulo, FFLCH, Depto. de História, Caixa postal 8105, 05508-900, São Paulo-SP.

- E-mail: lubejo@exatas.pucsp.br (Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida)

- Espaces Marx: 64, Bd. Auguste Blanqui, 75013 Paris. Tel. 0142174510 Fax: 0145359204

- E-mail: espmarx@imaginet.fr web: <http://www.regards.fr/espmarx/>

3. Acerca do *Manifesto*. O comunismo hoje. Ler o *Manifesto*.**

O “vademecum da revolução proletária” (A. Labriola).

Georges Labica*

Ler o *MPC* hoje é uma tarefa com vários acessos que fornecem um todo e se completam uns aos outros, mas onde não há interdição para privilegiar um ou outro, à condição de nunca perder de vista que se trata de uma questão de atualidade.

1. O estatuto do texto

1.1. Seu caráter excepcional, senão único — sua brevidade: (23 p. na 1ª edição) medida por sua audiência (tiragem) que, ela sozinha, merece exame.

1.2. Foi traduzido em todas as línguas e em todos os países.

1.3. Foi lido por públicos os mais diversos (o que não é o caso d’O Capital, por exemplo).

1.4. Não foi objeto de contestação, nem de rejeição, contrariamente a outras obras de Marx ou de Engels (*Grundrisse*, *A ideologia alemã*, *Dialética da natureza*, por exemplo).

1.5. Está escrito no positivo, diferentemente da maioria das outras obras, elaboradas sob o sinal da crítica, da reação ou do contra-ataque.

1.6. Está literalmente no centro da obra. Existe um antes e um depois do *MPC*.

* Professor da
Université
Paris X

2. A preparação do MPC

2.1. Os escritos diretamente preparatórios: *Estatutos da Liga dos Comunistas, Projeto de profissão de fé comunista, Princípios do comunismo.*

2.2. Os textos anteriores: os primeiros escritos (*Umrisse, Progresso da reforma...*), *Situação...*, *A Ideologia alemã, Teses...*, *Circular contra Kriege, Miséria da filosofia.*

2.3. Movimentos e organizações socialistas e comunistas; atividades de Marx e de Engels.

3. Seu sentido

3.1. Organização e planejamento

3.2. Uma ruptura no movimento socialista: com as utopias igualitárias e com o reformismo proudhoniano.

3.3. Uma novidade no programa político: a consideração da história.

3.4. O primeiro escrito propondo uma alternativa ao capitalismo e anunciando a revolução (1848).

3.5. Introdução de um certo número de conceitos que formaram a armadura do "materialismo histórico", entre eles os de modo de produção (feudal, burguês, comunista), de classes (burguesia, pequena burguesia, classes médias, proletariado, lumpem), "ponto de vista de classe", crise, poder, dominação/exploração, luta (política, econômica), coalizões, alianças, partido, internacionalismo. Duas determinações governam o conjunto: democracia e revolução. Cabe notar que um trabalho semântico não será inútil (ex.: classe/casta/ordem, ou pátria/nação).

4. A história do MPC

4.1. Um lugar particular deve ser atribuído aos sucessivos *Prefácios* (1872, 1883, 1888, 1890, 1892, 1893) que representam o trabalho de Marx e de Engels sobre seu próprio texto, em função de diversas conjunturas históricas (adaptações, retificações, complementos); pode-se igualmente fazer referência às *selbstzitate* relevadas por Kuczynski. Tanto é verdade, como dizia Engels, que o "MPC possui seu próprio *curriculum vitae*".

4.2. Algumas grandes leituras sintomáticas poderiam ser objeto de exame (por ex. a de Labriola em seu primeiro Ensaio sobre a concepção materialista da história); das conivências igualmente (por ex. com os *Manifestos* do surrealismo).

4.3. As recepções, e as referências, nos contextos nacionais, ao menos algumas, mereceriam ser interrogadas: onde, como, quando, por quem, em que versão foi conhecido o *MPC*?

O *Manifesto* é um programa, logo um texto político, i.e. teórico-político. Redigido por intelectuais, ele se dirige aos militantes e diz respeito, por conseguinte, a uns e a outros. Despojado talvez de suas partes caducas, esclarecido, enriquecido/retificado pelos trabalhos que lhe sucederam, primeiro por parte de seus autores, mas também pelas imposições das contradições reais, o *MPC*, através de rigorosas abordagens exegéticas, históricas ou lexicológicas, não somente não perde nada de sua combatividade de origem, mas revela à atualidade ao autorizar aquele mesmo trabalho de seus autores, o trabalho de reescrita.